



# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS e mundos de vida

**DENISE JODELET**

Edição de  
Nikos Kalampalikis



# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS e mundos de vida

**DENISE JODELET**

Edição de  
**Nikos Kalampalikis**

 *Fundação Carlos Chagas*

 **PUCPRESS**

Curitiba  
2017

Título original: *Représentations sociales et mondes de vie*  
2015, Éditions des archives contemporaines. Tradução autorizada.  
Direitos para edição brasileira.

© 2017, Denise Jodelet

2017, Éditions des archives contemporaines, Fundação Carlos Chagas, PUCPRes

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
(PUCPR)**

**Reitor**

Waldemiro Gremski

**Vice-reitor**

Vidal Martins

**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação**

Paula Cristina Trevilatto

**Conselho Editorial**

Auristela Duarte de Lima Moser

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Eduardo Biacchi Gomes

Evelyn de Almeida Orlando

Jaime Ramos

Léo Peruzzo Júnior

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

**Editora Universitária Champagnat/PUCPRes**

**Coordenação**

Michele Marcos de Oliveira

**Editor**

Marcelo Manduca

**Editora de arte**

Solange Freitas de Melo Eschipo

**Administrativo**

Larissa Conceição

**Preparação de texto**

Camila Fernandes de Salvo

**Revisão**

Camila Fernandes de Salvo

Susan Cristine Trevisani dos Reis

**Capa**

Rafael Matta Carnasciali

**Projeto gráfico e diagramação**

Solange Freitas de Melo Eschipo

**Fundação Carlos Chagas**

**Coordenação da Tradução**

Lúcia Villas Bôas

**Editora PUCPRes**

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prédio da Administração – 6º andar  
Câmpus Curitiba – CEP 80215-901 – Curitiba (PR) – Tel (41) 3271-1701  
editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR – Biblioteca Central

---

Jodelet, Denise

J63r  
2017

Representações sociais e mundos de vida / Denise Jodelet; tradutora, Lilian Ulup.  
– Paris : Éditions des archives contemporaines; São Paulo : Fundação Carlos  
Chagas; Curitiba : PUCPRes, 2017.  
544 p. il; 23 cm

Inclui bibliografias.

Título original: *Représentations sociales et mondes de vie*  
ISBN 978-85-68324-90-5

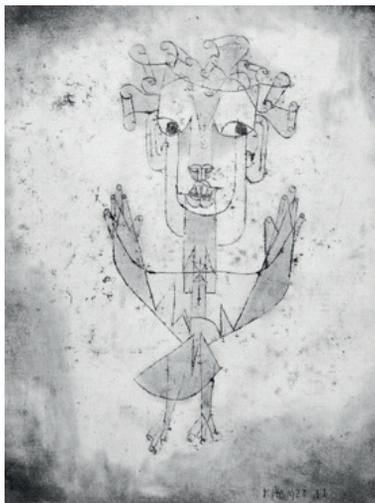
1. Representações sociais. 2. Psicologia social. I. Título.

---

*A Serge Moscovici.*

*Mentor que me presenteou com  
o respeito à minha liberdade.*





*Angelus novus*, de Paul Klee, 1920. Aquarela.  
Coleção do Museu de Israel, Jerusalém

*“Existe um quadro de Klee que se intitula ‘Angelus Novus’. Representa um anjo que parece estar prestes a afastar-se de algo que encara. Seus olhos estão esbugalhados, sua boca aberta, suas asas despregadas. É assim que deve parecer o Anjo da História. Seu rosto voltado para o passado. Onde percebemos uma cadeia de acontecimentos, ele só vê uma catástrofe única, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e as precipita a seus pés. Ele gostaria de ficar, de despertar os mortos e de reunir o que havia sido desmembrado. Mas do paraíso sopra uma tempestade que envolve suas asas tão violentamente que o anjo não pode mais fechá-las. Esse vendaval o impulsiona irresistivelmente para o futuro, para o qual ele está de costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele sobe ao céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso”.*

Walter Benjamin, 1942/2000. *Sur le concept d’histoire*.  
In *Œuvres III* (p. 434). Paris, Gallimard.

A aquarela de Paul Klee, comentada por Walter Benjamin, sempre me pareceu estar em consonância com o que Serge Moscovici havia retratado do mundo de sofrimento pelo qual teve que passar em sua vida pregressa. Mundo ao qual ele oporia, mais tarde, a força de sua obra e sua vontade ecológica. A lembrança do *Angelus Novus* voltou-me à mente ao final de sua vida: fazia-me pensar no olhar que lançava, saindo de sua vida, sobre a daqueles dos quais se afastava e sobre um mundo que parecia, cada vez mais, com o que W. Benjamin deplorava. Esse olhar ainda se acendia quando se tratava de ideias. A deste livro, realizado nos últimos meses de sua vida, agradou-lhe como uma dedicatória. Sua morte não lhe permitiu folhear a obra acabada e medir a que ponto seu pensamento impregnou-a e estimulou os textos. Tenho certeza de que ele teria recebido este livro como um testemunho vivo do que semeou. Um testemunho oferecido aqui em homenagem reverente e reconhecida à sua memória.

### *Agradecimentos*

*Quero expressar aqui minha imensa gratidão a Nikos Kalampalikis, iniciador e construtor desta obra. Foi também o artífice atencioso e devo à sua paciência ter conseguido vencer minhas hesitações e minha reserva.*

*A Fundação Carlos Chagas desempenhou importante papel favorecedor à edição deste livro ao, entre diversas outras providências, oferecer as condições à tradução de todo o material, pelo que sou profundamente grata.*

*Também agradeço à Dra. Lúcia Villas Bôas que concedeu a esta publicação generosa e indispensável contribuição.*

*Para Lilian Rose,*

O leitor brasileiro tem, nas mãos, o fruto da última tradução à qual Lilian Ulup se dedicou com uma diligência e uma devoção inigualáveis. O último presente que sua generosidade nos ofereceu. A morte a privou da satisfação de ver suas traduções finalmente impressas. Mas sua lembrança permanecerá gravada neste livro, testemunha do sofrimento partilhado com sua família e, sobretudo, com suas amigas, especialmente Angela Arruda, com quem tinha uma ligação inabalável desde a infância.

Nós a chamávamos simplesmente de Lilian, mas seu segundo nome, Rose, exprime tão bem seu encanto e a paz que emanava de sua presença que não pude me impedir de evocá-lo. Conheci Lilian graças à Angela e desde então, por mais de vinte anos, mantivemos uma ligação distante, porém, fiel. Lembro-me das visitas em seu apartamento localizado sob as asas do Cristo Redentor e guardo uma foto feliz dos momentos passados em minha casa, no interior da França, junto com Serge Moscovici e Angela.

O pai de Lilian era inglês, o que certamente contribuiu para o domínio que ela tinha das línguas; mesmo sendo lusófona, falava perfeitamente o inglês, o espanhol e o francês. Seus talentos como tradutora eram reconhecidos. Foram-lhe confiadas, dentre outras, as traduções de Michel Foucault<sup>1</sup> e Kostas Axelos<sup>2</sup> e ela fazia trabalhos de revisão para diferentes projetos de pesquisa, no plano nacional<sup>3</sup>. Pessoalmente, tive o prazer de descobrir a tradução, publicada pelas edições da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de uma publicação que eu havia dirigido sobre as representações sociais<sup>4</sup>.

Essa facilidade e essa competência linguística também se apoiavam em uma sólida formação. Ela aperfeiçoou seus conhecimentos linguísticos obtendo os diplomas da Universidade de Nancy e da Escola Normal Superior de Saint Cloud, da Universidade de Michigan e da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

Sem contar a contribuição que constituíam, para a compreensão dos textos que traduzia, seus conhecimentos de Psicologia. Formada pelo Instituto de Psicologia da UFRJ, Lilian era mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas, onde atuava como especialista em Educação e Psicologia Pedagógica. Também esteve intimamente associada a uma pesquisa sobre o imaginário, conduzida na UFRJ por Angela Arruda. Todos aqueles que a conheceram nessas diversas ocasiões foram unânimes em louvar suas competências, sua empatia, sua atenção e sua gentileza.

Que seu lindo rosto que encarnava doçura e generosidade, dedicando-se à transmissão do pensamento de outros, receba por estas palavras a homenagem e a expressão de uma saudade dolorosa dividida com seus amigos e amigas.

Obrigada, Lilian Rose, nosso coração e nossos pensamentos a acompanharão para sempre.

Denise Jodelet

<sup>1</sup> Foucault, M. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

<sup>2</sup> Axelos, K. *Treze teses sobre a Revolução francesa*. RJ: Tempo Brasileiro, 1968.

<sup>3</sup> Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. *Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem*. 2ª ed. 1ª reimpr. Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

<sup>4</sup> Jodelet, D. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.



# Sumário

Preâmbulo .....	13
Introdução: um fazer sobre o pensamento social .....	19
Um caminho de e para os outros .....	20
Miscelânea na busca de compreensão dos fenômenos representacionais ...	24

## Parte I – Reflexões Epistemológicas

1. Reflexões sobre o tratamento da noção de representação social em psicologia social .....	37
Consensos e disparidades .....	38
A área de estudo das representações sociais em um ambiente real .....	40
A questão do conteúdo-processo .....	46
Perspectivas futuras .....	50
2. Pensamento social e historicidade .....	53
Um lugar de convergência .....	55
Superposições e hiatos .....	57
Historicidade do simbolismo .....	60
3. Representações sociais: contribuição a um saber sociocultural sem fronteiras .....	63
Representações sociais e pesquisa latino-americana .....	65
Para uma apreensão do simbólico, do histórico e do cultural .....	69
Cultura e construção dos saberes .....	72
Voltando-se para o futuro .....	75
4. Representações e ciências sociais: encontros e contribuições mútuas ...	77
Um ponto de história .....	79
O uso da noção de representação social e/ou coletiva .....	86
Lugar e papel das representações sociais nas ciências sociais .....	91
5. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais .....	105
A morte do sujeito .....	107
O retorno do sujeito nas ciências sociais .....	112
As representações sociais e o sujeito .....	115

<b>6. Pensamento, valor e imagem .....</b>	<b>127</b>
O contexto de lançamento .....	127
Coerência entre uma teoria e seu contexto intelectual .....	129
Representações sociais e formas de pensamento .....	137
O valor como operador das representações sociais .....	140
A força das imagens .....	141

## **Parte II – Cidade, Memória e Meio Ambiente**

<b>1. As representações sócio-espaciais da cidade .....</b>	<b>147</b>
Espaço: um conceito incompleto .....	148
Ambiente urbano: espaço social .....	149
Representações espaciais = representações sociais .....	152
As representações sócio-espaciais de Paris .....	153
<b>2. Conflitos entre histórias e inscrições espaciais da memória .....</b>	<b>167</b>
Conflitos entre história da memória e história do historiador .....	167
A emergência de grupos de memórias .....	173
As inscrições espaciais dos conflitos de memória .....	179
Algumas relações entre memória e cidade .....	180
A dimensão ética do trabalho com memória .....	188
<b>3. Memória de massa: o lado moral e afetivo da História .....</b>	<b>193</b>
Memória e memórias .....	193
Para uma psicossociologia da relação memória/conhecimento .....	197
Uma memória de massa .....	207
Matéria e maneira da memória .....	218
<b>4. As representações sociais do meio ambiente .....</b>	<b>225</b>
Meio ambiente, objeto de conhecimento .....	228
A dimensão social no espaço do meio ambiente .....	231
O espaço representa e significa socialmente .....	234
Comportamentos sócio-espaciais e representações .....	236
Representações sócio-espaciais .....	239
<b>5. Governar ou compor com o meio ambiente? .....</b>	<b>247</b>
Uma imagem negativa do Ministério e de sua ação .....	250
Meio ambiente, objeto de valor desvalorizado .....	257
A questão da escala dos fenômenos .....	265

### **Parte III – Corpo, Gênero, Saúde**

<b>1. A representação do corpo e suas transformações</b> .....	<b>271</b>
Estudo do corpo e representação .....	271
Corpo masculino – corpo feminino .....	278
Modelos sociais e construções orgânicas .....	285
O corpo psi, lugar dos conflitos indivíduo-sociedade .....	288
<b>2. Representações, experiências, práticas corporais e modelos culturais</b> .....	<b>293</b>
Algumas transformações culturais da relação com o corpo .....	295
A relação com o corpo interior, suas estruturas cognitivas e normativas .....	300
A relação com o corpo interior e atenção à saúde .....	306
<b>3. Considerações sobre o tratamento da estigmatização na saúde mental</b> .....	<b>309</b>
A mudança do olhar sobre a atitude da sociedade .....	313
A importância das representações sociais .....	317
A representação da doença e a representação dos doentes .....	322
<b>4. Imaginários eróticos da higiene feminina íntima: abordagem antropológica</b> .....	<b>327</b>
Posição da higiene feminina íntima no quadro e na história dos cuidados corporais .....	328
Mulheres no banho: um apelo ao amor ritualizado .....	335
Quando a impureza da mulher é levantada .....	342
O desaparecimento de um imaginário erótico em torno dos cuidados com o corpo .....	349
<b>5. O lobo, nova figura do imaginário feminino. Reflexões sobre a dimensão mítica das representações sociais</b> .....	<b>351</b>
As relações entre representação social e mito .....	353
A relação entre mito, imaginário e representações sociais .....	364
Da natureza selvagem da mulher à natureza humana do lobo .....	376

### **Parte IV – Novas perspectivas**

<b>1. Formas e figuras da alteridade</b> .....	<b>387</b>
Alteridade e identidade .....	390
Formas de sociabilidade e instauração da alteridade .....	396
Conhecimento e alteridade .....	401

2. Travessias latino-americanas: dois olhares franceses sobre o Brasil e o México .....	405
O território do <i>Outro</i> e o imaginário .....	406
Imaginário e representação social .....	407
A tópica sociocultural do imaginário .....	412
A mitificação do povo .....	422
3. Lugar da experiência vivida nos processos de formação das representações sociais .....	431
Aprofundar a noção de experiência .....	432
As duas dimensões da experiência .....	437
O retorno à experiência social .....	439
Algumas articulações entre experiência e representação social .....	444
4. Dinâmicas sociais e formas de medo .....	453
O medo como processo psicológico .....	454
Medos de quê e medos por quê .....	458
As manipulações do medo .....	464
5. Sobre a música na sua relação com o pensamento social .....	473
Os objetos semióforos .....	474
Por que a música? .....	476
6. A perspectiva interdisciplinar no campo de estudo do religioso: contribuições da teoria das representações sociais .....	489
A complexidade do campo do religioso .....	490
O estado atual da situação dos fenômenos religiosos .....	492
Referências .....	511
Índice Onomástico .....	537

# Preâmbulo

Os textos reproduzidos neste volume retracam um percurso de publicações significativas de Denise Jodelet entre 1982 e os dias de hoje. Sem pretender ser exaustivo nem seguir uma sequência cronológica estrita, eles reúnem, em uma nova obra, reflexões epistemológicas sobre as representações sociais e as ciências sociais (parte I), contribuições inovadoras no campo do urbano, da memória social e do meio ambiente (parte II), do corpo, do gênero e da saúde (parte III) e novas perspectivas abertas nos últimos anos (alteridade, experiência, emoções, música, religião) (parte IV).

Este livro compreende alguns textos inéditos em francês, mas igualmente escritos fundamentais dos anos 1980, publicados em lugares de difícil acesso para o leitor. Acrescentamos certas produções recentes que demonstram a permanente assunção de riscos de Denise Jodelet com a abertura de campos de reflexão inovadores. Todos foram revistos, corrigidos e atualizados. O conjunto vem preencher uma estranha lacuna na produção de um dos autores mais importantes no campo da psicologia das representações sociais no mundo, dado que desde sua monografia magistral, em 1989, não havia um livro que reunisse sua contribuição tão singular e influente.

Na mesma ocasião, ele inaugura a coleção *Psychologie du social* visando a tornar acessíveis contribuições que, inspirando-se na abordagem das representações sociais, cruzam olhares interdisciplinares e interpelam mais amplamente a atualidade das ciências humanas e sociais.

*Nikos Kalampalikis*

Os seguintes textos foram reproduzidos total ou parcialmente:

## Parte I

- 1) 1984. *Réflexions sur le traitement de la notion de représentation sociale en psychologie sociale*. [Reflexões sobre o tratamento da noção de representação social em psicologia social.] *Communication-Information*, 6, 15-41.

- 2) 1989. Pensée sociale et historicité. [Pensamento social e historicidade.] *Technologies, Idéologies, Pratiques. Numéro en l'honneur d'Ignace Meyerson*, 8(1-4), 395-405.
- 3) 2000. Representaciones sociales: para un saber sin fronteras. [Representações sociais: contribuição a um saber sociocultural sem fronteiras.] In D. Jodelet, A. Guerrero (Eds.), *Develando la Cultura* (pp. 7-30). Mexico, UNAM.
- 4) 2009. Rappresentazioni e scienze sociali: incontri e rapporti reciproci. [Representações e ciências sociais: encontros e contribuições recíprocas.] In A. Palmonari, F. Emiliani (Eds.), *Paradigmi delle rappresentazioni sociali* (pp. 253-280). Roma, Il Mulino.
- 5) 2008. Le mouvement de retour vers le sujet et l'approche des représentations sociales. [O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais.] *Connexions*, 89, 25-46.
- 6) 2011. Returning to past features of Serge Moscovici's theory to feed the future. *Papers on Social Representations*, 20, 39.1-39.11.

## Parte II

- 1) 1982. Les représentations socio-spatiales de la ville. [As representações sócio-espaciais da cidade.] In P.H. Derycke (Ed.), *Conceptions de l'espace* (pp. 145-177). Paris, Univ. de Paris X-Nanterre.
- 2) 2012-13. Conflits entre histoire mémorielle et histoire historique. [Conflitos entre história da memória e história do historiador.] *Psicología e saber social*, 1(2), 151-162, 2012 e Les inscriptions spatiales des conflits de mémoire. [As inscrições espaciais dos conflitos de memória.] *Psicología e saber social*, 2(1), 5-16, 2013.
- 3) 1992. Mémoire de masse: le côté moral et affectif de l'Histoire. [Memória de massa: o lado moral e afetivo da História.] *Bulletin de Psychologie*, 405, 239-256.
- 4) 1996. Las representaciones sociales del medio ambiente. [As representações sociais do meio ambiente.] In L. Iniguez, E. Pol (Eds.), *Cognición, representación y apropiación del espacio. Monografías Psico-socio-ambientales* (pp. 29-44). Barcelona, Publicaciones de la Universitat de Barcelona.

- 5) 1998. Gouverner ou composer avec l'environnement? [Governar ou compor com o meio ambiente?] Le Ministère vu par d'autres administrations à la fin des années 80. In B. Barraqué, J. Theys (Eds.), *Les politiques d'environnement. Évaluation de la première génération: 1971-1995*. Paris, Éd. Recherches.

### Parte III

- 1) 1984. The representation of the body and its transformations. [A representação do corpo e suas transformações.] In R. Farr, S. Moscovici (Eds.), *Social Representations* (pp. 211-238). Cambridge, Cambridge University Press.
- 2) 1982. Représentations, expériences, pratiques corporelles et modèles culturels. [Representações, experiências, práticas corporais e modelos culturais.] *INSERM, Les colloques de l'INSERM: Conceptions, mesures et actions en santé publique*, 104, 377-396.
- 3) 2011. Considérations sur le traitement de la stigmatisation en santé mentale. [Considerações sobre o tratamento da estigmatização na saúde mental.] *Pratiques en santé mentale*, 2, 25-38.
- 4) 2007. Imaginaires érotiques de l'hygiène féminine intime. [Imaginários eróticos da higiene feminina íntima.] *Connexions*, 1(87), 105-127.
- 5) 2009. O lobo, nova figura do imaginário feminino. Reflexões sobre a dimensão mítica das representações sociais. In D. Jodelet, E. Coelho Paredes (Eds.), *Pensamento mítico e representações sociais*. Cuiabá, Ed. Univ. Federal do Mato Grosso.

### Parte IV

- 1) 1998, 2005: A alteridade como produto e processo psicossocial. In A. Arruda (Ed.), *Representando a alteridade* (pp. 47-67). Petrópolis, Vozes, 2005) e Formes et figures de l'altérité. [Formas e figuras da alteridade.] In M. Sanchez-Mazas, L. Licata (Eds.), *L'autre. Regards psychosociaux* (pp. 23-47). Grenoble, PUG, 2005.

- 2) 2008. Travesias latinoamericanas: dos miradas francesas sobre Brasil y Mexico. [Travessias latino-americanas: dois olhares franceses sobre o Brasil e o México.] In A. Arruda, M. de Alba (Eds.), *Espacios imaginarios y representaciones sociales. Aportes desde Latinoamerica* (pp. 99-128). Madrid, Anthropos.
- 3) 2005-6: Experiência e representações sociais. In S. Menin, A. Shimizu (Eds.), *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas* (pp. 23-56). São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005 e Place de l'expérience vécue dans les processus de formation des représentations sociales. [Lugar da experiência vivida nos processos de formação das representações sociais.] In V. Haas (Ed.), *Les savoirs du quotidien. Transmissions, appropriations, représentations* (pp. 235-255). Rennes, PUR, 2006.
- 4) 2011. Peurs collectives et dynamiques sociales. *Nouvelle Revue de Psychosociologie*, 12(2), 239-256.
- 5) 2015. Sur la musique dans son rapport à la pensée sociale (*inédito*). [Sobre a música na sua relação com o pensamento social.]
- 6) 2009. Contribuição do estudo das representações sociais para uma psicossociologia do campo religioso. In D. Jodelet, A. Almeida (Eds.), *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas* (pp. 203-224). Brasília, Thesaurus Editora.

# Nota à edição brasileira

Escritos em diferentes épocas e com distintas preocupações, os textos de Denise Jodelet, selecionados em parceria com Nikos Kalampaliki, muitos dos quais inéditos em português, constituem um repertório de base extremamente útil para uma reflexão acerca da Psicologia Social e seu frutífero diálogo com as diversas áreas do conhecimento.

Essa obra, agora disponibilizada ao público brasileiro, confirma a iniciativa da Fundação Carlos Chagas, por meio de sua Cátedra Franco-Brasileira Serge Moscovici em parceria com o Consulado Geral da França em São Paulo e com o *Réseau Mondial Serge Moscovici* da *Fondation Maison des Sciences de l'homme*, em contribuir para a difusão e valorização da perspectiva psicossocial.

Dentre o amplo leque de atuação da Fundação Carlos Chagas, notadamente no âmbito educacional, os estudos fundamentados nessa perspectiva foram incentivados a partir da estruturação, em 2006, do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação/ CIERS-ed, criação essa que, ao demonstrar, mais uma vez, a preocupação institucional com a divulgação científica, reconhece também o papel fundamental da obra de Denise Jodelet, referência para gerações de pesquisadores brasileiros.

A publicação dos textos aqui reunidos não teria sido possível sem a cuidadosa e preciosa tradução de Lilian Ulup, que partiu repentinamente sem ter podido ver o resultado final do seu trabalho, deixando a todos os envolvidos neste projeto profundamente consternados. A ela, o nosso mais profundo agradecimento.

Lúcia Villas Bôas  
Superintendente de Educação e Pesquisa da Fundação Carlos Chagas  
Responsável científica da Cátedra Franco-Brasileira Serge Moscovici



# Introdução: um fazer sobre o pensamento social

*Não se concebe, por exemplo, ser possível uma psicologia social em um quadro de referência da ontologia objetivista. Se pensamos realmente que a percepção é uma função das variáveis externas, esse esquema só é (muito aproximativamente) aplicável ao condicionamento corporal e físico, e a psicologia está condenada a essa abstração exorbitante de considerar o homem apenas como um conjunto de terminações nervosas sobre as quais agem agentes físico-químicos. Os 'outros homens', uma miríade social e histórica, só podem intervir como estímulos se reconhecermos também a eficácia de conjuntos que não têm existência física e que operam sobre ele, não segundo suas propriedades imediatamente sensíveis, mas por sua configuração social, em um espaço e tempo sociais, segundo um código social e, por fim, como símbolos em vez de causas. O simples fato de se praticar a psicologia social significa que se está fora da ontologia objetivista e que só se poderia aí permanecer exercendo sobre o 'objeto' uma sujeição que compromete a pesquisa. A ideologia objetivista é diretamente contrária ao desenvolvimento do saber.*

Merleau-Ponty, Maurice. 1964/2004.  
*Le visible et l'invisible*. Paris, Gallimard. p. 42.

A epígrafe com a citação de Merleau-Ponty traça o caminho que tentei seguir no estudo das representações sociais. Um caminho cujos textos apresentados nesta obra fornecem um panorama que, embora possa parecer difuso para alguns, obedece à vontade de delimitar um conjunto complexo de fenômenos mentais, concernente à “ideação social”, da qual fala Durkheim e que estimulam a vida social. Esses fenômenos remetem a formas, modos e processos referentes ao sentir, ao saber, ao conhecer, ao dar sentido à experiência cotidiana.

Este viés, um pouco defasado em relação às diferentes tendências que, dominantes ou alternativas, estruturam o campo ao qual pertença, a psicologia social, deve ser explicitado, sem pretensão teórica, mas antes com a preocupação de trazer a seu meio de origem e funcionamento fenômenos observáveis, que se referem ao pensamento social. A isso vai se vincular esta introdução, não sem antes um desvio mais biográfico. Na verdade, é difícil introduzir um conjunto de textos escritos no decurso de um longo período de vida de pesquisa sem se engajar pessoalmente, sem percorrer a trajetória de trabalhos que levam a um universo conceitual já estruturado, mas que permanecem, no entanto, tributários de uma história passada e de acúmulos da respectiva experiência reflexiva.

## Um caminho de e para os outros

Após várias atividades de campo em educação popular e diversas aprendizagens nas ciências humanas e sociais, em contato com pesquisadores da EHESS<sup>1</sup>, passei a integrar, no momento de criação por Serge Moscovici, em 1965, o Grupo de Pesquisa em Psicologia Social da EHESS<sup>2</sup>. Nesse grupo, iniciei-me na psicologia social graças à preparação de um conjunto de documentos lançado em 1972, antes de realmente começar um trabalho de pesquisa.

Tratou-se, para começar, de um estudo sobre as representações da loucura em um meio rural francês onde havia, em *Ainay-le-Château*, nos limites do *Cher* e do *Allier*, sob o nome de Colônia Familiar, um hospital psiquiátrico cujos pacientes eram alojados nas casas dos habitantes e viviam em liberdade na comunidade. Totalmente ignorada dos meios psiquiátricos no momento de minha pesquisa, essa instituição inspirou as primeiras experiências de abertura das portas do hospício, particularmente a de Sivadon (1993). Foi, aliás, por ocasião de um testemunho radiofônico do reformador do sistema de asilos, que descobri sua existência, quando buscava um local onde pessoas que sofriam de transtornos psíquicos circulassem livremente em seu ambiente social. Com esse trabalho, que exigiu quatro anos de investigação em campo, e só foi publicado em 1989, ao qual são feitas algumas referências em diferentes capítulos deste livro, eu inaugurava uma reflexão sobre os processos psicossociais

<sup>1</sup> Contatos principalmente com R. Bastide, P. Bourdieu, G. Devereux, I. Meyerson e J.-C. Passeron em seminários e colaborações.

<sup>2</sup> O GEPS tornou-se em seguida *Laboratoire de Psychologie Sociale*, cuja direção assumi com a saída de S. Moscovici.

da alteridade, guiada por uma descoberta inesperada feita por ocasião de atividades de educação popular na Argélia.

Estávamos em 1956, em Argel. Encarregada pelo organismo dos “Centros sociais”<sup>3</sup> de um estágio de formação geral para alunas enfermeiras algerianas, buscava iniciá-las nos problemas postos pelos distúrbios psíquicos. Um hospital psiquiátrico de Blida era conhecido por suas práticas liberais e até mesmo revolucionárias. Para descobri-las, solicitei uma reunião com seu diretor, cuja identidade ignorava. Tratava-se de Franz Fanon<sup>4</sup>. Ele nos recebeu durante duas longas horas, discorrendo sobre o tipo de tratamento reservado às pessoas sofredoras de afecções mentais e de exclusão racial e étnica. Essa aproximação referente ao destino da alteridade, reforçada por algumas observações pessoais, esclarecida pela leitura de Foucault sobre a *Histoire de la Folie* (1961), devia inspirar mais tarde a pesquisa sobre a Colônia Familiar *Ainay-le-Château* e orientar meu trabalho sobre as formas e figuras da alteridade (cap. IV-1) e a estigmatização (cap. III-3).

Para realizar essa pesquisa, adotei a abordagem dos fenômenos sociais proposta, em 1961, pela teoria de S. Moscovici sobre as representações sociais, que outros pesquisadores haviam começado a ilustrar com seus trabalhos. Assumi-a com a preocupação de ter como horizonte a cultura, as relações sociais, a história, dando início a um longo período de pesquisas realizadas em diferentes campos (corpo e saúde, espaços urbanos e meio ambiente, memória social).

Essas pesquisas, das quais as partes II, III, IV dão uma visão geral, responderam a demandas públicas ou se fecundaram umas às outras nos seus temas, objetos e métodos, desembocando em novas perspectivas. A experiência do estudo sobre a Colônia de *Ainay-le-Château*, para o qual adotei um procedimento subordinando a exploração das representações ao exame das práticas que regem as relações entre a população e os doentes mentais, inspirou o utilizado em outras investigações. Partindo do recenseamento das práticas, tratei de delimitar o sentido, os motivos e as justificativas subjacentes. Esse procedimento se mostrou fecundo para isolar sistemas de representações que

<sup>3</sup> Criado em 1955, por Germaine Tillon, o serviço dos Centros Sociais, ligados à Direção Geral de Educação nacional na Argélia, para garantir sua independência face ao poder político, tinha por objetivo “dar uma educação de base aos indivíduos masculinos e femininos da população”, colocar à sua disposição “um serviço de assistência médico-social polivalente”, “assegurar o progresso econômico, social e cultural” (Portaria de criação).

<sup>4</sup> Franz Fanon dirigiu a partir de 1953 o Hospital psiquiátrico de Blida-Joinville, no qual introduziu métodos de socioterapia, de psicoterapia institucional e de etnopsiquiatria até sua demissão seguida imediatamente de sua expulsão da Argélia pelo Governo Geral em 1957. Engajou-se na FLN e publicou obras marcantes sobre o racismo (1952, 1961).

caracterizavam comportamentos tão diversos como: a participação social nas políticas urbanas quando dos estudos de comunidades em *Louviers* (1978) ou em *Creusot* (1994, 1997); as dimensões subjetivas, normativas e ideológicas que orientavam as escolhas sobre o aleitamento materno (1987, 2000); as posições do pessoal de serviços hospitalares encarregado dos doentes de AIDS em fase terminal (Vincent et al., 2000); o jogo das representações do contágio nas relações com as pessoas atingidas pelo HIV (1994) e, mais recentemente, no caso do câncer (Mazières et al., 2014). No plano técnico, as diferentes pesquisas conduzidas individualmente ou em equipe, recorreram a metodologias mistas de coleta e tratamento dos dados, tanto qualitativas (observação participante, estudo de caso, entrevistas, análise de conteúdo) quanto quantitativas (questionários, inventários dos contextos de ação, tratamento estatístico dos dados, mapas cognitivos, análise informática de textos).

Esses trabalhos eram acompanhados de uma reflexão cujos elementos são retomados nos capítulos da parte I. Ela incidia sobre os pressupostos que orientavam minha prática em resposta às inquietudes que atravessaram sua história à medida que o estudo das representações sociais se desenvolvia. A evolução desse domínio de pesquisa deu lugar a diversas orientações teóricas e modelos de abordagem e afirmou sua fecundidade em um número crescente de campos de aplicação. Isso apesar de ser alvo de críticas vindas, em psicologia social, das perspectivas clássicas do *mainstream* ou das ações visando a sua renovação, como a psicologia discursiva ou o construcionismo; ou ainda se bateu contra a ignorância aparente, para não dizer contra o desprezo, que manifestavam as disciplinas próximas.

A propósito, é preciso sublinhar o paradoxo das pesquisas atuais sobre as representações sociais. Há uma tripla particularidade. Por um lado, a longevidade, apesar das vicissitudes que conheceu: um desenvolvimento marcado por períodos de latência e de intensificação, evocado no capítulo *Un domaine en expansion* da obra que dirigi em 1989. Por outro, a coexistência de movimentos de ampla utilização e de forte contestação. Assim, no exato momento em que se introduzia o que foi chamado de “crise da representação”, entrava-se na “era das representações”, como anunciava em 1982 Serge Moscovici, demonstrada não só pelo número de trabalhos tratando de representações sociais, mas também pelo uso de perspectivas que retomam, sem dizê-lo, os quadros de análise propostos por Moscovici. Estes constituíram uma referência para todas as minhas pesquisas. Um quadro a partir do qual tentei, apoiando-me sobre as contribuições das ciências sociais, abrir novos campos em domínios ainda pouco explorados em psicologia social.

Uma terceira característica de nosso campo reside na estabilidade e a revivificação do paradigma *princeps*, que vem acompanhado de expansões diversas, de modelos e de perspectivas centradas em aspectos particulares. Retomando uma imagem de Tarde, designei, em 2008, a teoria das representações sociais de “bela invenção” em razão da variedade de perspectivas às quais suas proposições deram lugar, permitindo criar-se novos domínios de pesquisa, sendo que alguns deles se tornaram mesmo autônomos. É o caso, por exemplo, da vulgarização científica, que foi diretamente inspirada pelo foco sobre o conhecimento do senso comum e do conhecimento científico, antes de se tornar um campo autônomo (Roqueplo, 1974, cf. igualmente a revista *Public Understanding of Science*). As diferentes “Escolas” ou tendências que surgiram a partir do paradigma *princeps* são outro exemplo que comento em um dos textos (cap. I-6).

Em 1982, depois de ter feito, por ocasião dos encontros internacionais sobre “A representação”, organizados pelas Universidades de Lyon e de Montréal, uma primeira síntese do campo (cap. I-1), empreendi, paralelamente a minhas pesquisas e à orientação de mais de trinta teses de doutorado ou de Estado<sup>5</sup>, e vinte diplomas da EHESS, um trabalho de apresentação sintética e didática do paradigma moscoviciano sobre as representações sociais acompanhado de iniciativas de difusão.

Iniciei assim, a partir de 1982, um programa de intercâmbio e de pesquisas em diferentes países da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, México, Venezuela). Essa experiência, que continua nos dias atuais, depois de ter se estendido à África do Norte e à Ásia, representou uma verdadeira aprendizagem do diálogo entre culturas, da qual testemunha o capítulo I-3, consagrado às formas de exploração das dimensões culturais no estudo das representações sociais e que se estendeu, em 2012, ao exame dos encontros entre saberes em um espaço globalizado. Devo muito a meus colegas. Graças a sua preocupação com a intervenção em meio real, me permitiram enriquecer minhas perspectivas e infleti-las no sentido de uma maior sensibilidade às demandas do campo, um enraizamento nas condições concretas de produção e de uso das representações sociais, cujo testemunho são as publicações sobre a intervenção e o lugar das representações na compreensão de situações relevantes nos campos da saúde, da educação. A título de agradecimento, muitos dos textos inspirados por esses incentivos foram reservados a uma publicação

<sup>5</sup> Essas teses, cujo panorama é apresentado na obra *Une approche engagée en psychologie sociale* (Madiot, Lage, Arruda, 2008), giram em torno de meus principais eixos de interesse. Três quartos de seus autores ocupam ou ocuparam postos de ensino e pesquisa em diversas universidades na França (16) e no estrangeiro (9).

local ou precederam sua edição em francês, como é o caso de alguns textos deste livro.

## Miscelânea na busca de compreensão dos fenômenos representacionais

O campo de estudo das representações sociais, inaugurado há mais de cinquenta anos, é frequentemente subsumido por teorizações, mas não se vê sempre sua unidade, nem coerência, a despeito das intercitações entre os autores e da vinculação ao paradigma *princeps*. A seguir, sem querer fazer uma obra propriamente teórica, vou percorrer alguns temas em torno dos quais minha atenção se fixou, sob forma de notas reflexivas curtas que têm orientado minha prática.

### *A propósito das representações sociais e do pensamento social*

Não se trata de teorizar sobre o que implica o fato de se representar e representar os outros, no plano das definições ou no do exame das condições de produção e de circulação das representações sociais, de seus processos e estatutos. Como indicado acima, tive a oportunidade, em vários textos, de lembrar as proposições feitas nesse sentido por Moscovici e as diversas correntes que inspirou. Elas estão resumidas no quadro sintético apresentado adiante.

O propósito aqui é antes apresentar como tentei capturar fenômenos representacionais no trabalho na experiência cotidiana, quando de pesquisas sobre temas e domínios sociais sensíveis às conjunturas culturais e históricas. Esses fenômenos são produtos mentais que podem ser abordados no plano individual e coletivo, enquanto sistemas de conhecimentos, saberes e significados. No plano individual, eles são tidos como baseados nos pertencimentos sociais, no lugar nas relações sociais, nas trocas intersubjetivas e induzindo a engajamentos ideais e práticos. No coletivo, correspondem a visões compartilhadas, comuns a uma formação social, e nelas disseminadas por meio das comunicações. O que leva a concentrar a ênfase no pensamento social, como uma construção mental de objetos do mundo e fonte de formas de vida que afetam o devir social.

Embora nos textos de Moscovici recentemente publicados (2012, 2013), tal abordagem esteja presente, esse aspecto das representações sociais ficou relativamente ignorado das correntes de pesquisa que se desenvolveram e que continuam a se desenvolver em torno de seu paradigma. Esse aspecto

concerne ao pensamento em relação com todas as dimensões do social que nele intervêm, de um lado, e com a incidência que pode ter sobre as produções simbólicas que animam a vida e a mudança social, de outro.

Na realidade, a tendência é deixar o estudo do pensamento para as ciências cognitivas e para os defensores da cognição social, ou então de debater os limites dos modelos psicológicos da cognição. No plano social e psicológico, tanto quanto na própria história da formulação da teoria das representações sociais, se conhecimento e significado foram diferenciados, conhecimento do senso comum e científico comparados, pouco se considerou a especificidade e o papel do pensamento como tal, distinção essa adotada por diversos autores. Deles, selecionei dois: Arendt e Foucault. Para Arendt (1983), o conhecimento que se refere a um saber positivo é objetivo, enquanto o pensamento é subjetivo e experiencial. Por seu intermédio, nossa vida se torna consciente, comunicável, compartilhável e compreensível pelos outros. O pensamento reformula o que nossas condições de existência impõem e torna-o válido para uma comunidade de seres humanos e não apenas para uma única pessoa. Transforma-se assim em uma voz/via da intersubjetividade permitindo, pela elaboração por meio da comunicação, a consciência. Foucault em *Dits et Écrits II* introduz uma distinção suplementar: aquela entre saber e conhecimento. O saber é um processo pelo qual “o sujeito sofre uma modificação por aquilo mesmo que conhece, ou antes, por ocasião do trabalho que efetua para conhecê-lo. É o que possibilita ao mesmo tempo modificar o sujeito e construir o objeto. Conhecer o trabalho é que permite multiplicar os objetos passíveis de conhecimento, de desenvolver sua inteligibilidade, compreender sua racionalidade, mas mantendo a firmeza do sujeito que investiga” (2001, p. 876).

Parece-me que é a partir dessas distinções entre saber, conhecimento e pensamento, que se pode avançar para compreender o modo como os sujeitos dão sentido à sua prática e sua experiência no mundo social de vida. Perspectiva que se encontra amplamente corroborada pela emergência recente de uma reflexão sobre o saber experiencial, principalmente nos domínios da educação (Jodelet, 2013) e da saúde (Jouet, Las Vergnas, Noëlhuraut, 2014a).

Falar de pensamento é também um modo de orientar o olhar para uma totalidade cujos elementos são indissociáveis e que só pode ser depurada, para sua compreensão, focando a atenção sobre um dos aspectos dos processos que esse pensamento engaja: interação, discurso, cognição etc. Da mesma forma, é uma maneira de ampliar a temática inicial que estava centrada no estudo da relação entre senso comum e ciência, englobando não apenas as representações sociais nas permutas interpessoais, mas também nas comunicações de

massa, nas que se desenrolam no espaço público ou comunitário ou ainda nas que são trazidas pelos suportes de expressão cultural que as artes constituem (cf. cap. I-1). Esses resumos introduzem várias ordens de questões: a do espaço de inscrição e de funcionamento das representações sociais; a de sua temporalidade; a do nível de sua abordagem.

### *Os mundos de vida, espaço de inscrição das representações sociais*

O fato de relacionar a gênese e as funções das representações sociais à experiência cotidiana responde a uma afiliação com a fenomenologia que justifica a escolha do título deste livro. O que entender por *mundos de vida*? A inspiração vem diretamente da noção de *lebenswelt*, cuja paternidade é atribuída a Husserl, mas que, presente em Dilthey, é utilizada, não só na fenomenologia social de Schütz, mas nas correntes mais recentes inspiradas na perspectiva semiótica, como mostra Zaccari-Reyners (1995; 1996).

Husserl introduziu a noção de *lebenswelt* para ampliar a reflexão filosófica e epistemológica sobre o conhecimento para além das únicas questões colocadas pela ciência. Merece ser ressaltado aqui o ponto de encontro com a reflexão sobre as representações sociais, visto que é sabido que, em seu início, havia igualmente uma interrogação sobre o estatuto diferencial e a coexistência de diferentes modos de pensamento, científico e do senso comum (cf. cap. I-6).

*Lebenswelt* é traduzido por “Mundo-da-vida”, mas preferi utilizar a expressão *mundos de vida* por duas razões. Para desvincular-me de qualquer referência vitalista, que arrisca estar subjacente à ideia de um mundo vivido em um espaço no qual se manifestam todas as formas de vida, sejam elas concretas, simbólicas ou discursivas. Mas sobretudo para abranger o conjunto de situações nas quais estão situados os sujeitos pensantes. Estas, como quadro de pensamento e de ação, são também materiais, correspondentes aos diferentes *modos de existência* encontrados no devir social (Latour, 2012), às formas de relacionamentos e às relações sociais, aos tipos de pertença e de afiliação dentro de uma formação social, às posturas e adesões decorrentes das posições sociais ocupadas pelos sujeitos e grupos sociais, ou ainda ao contexto mais amplo que constitui hoje o mundo (Augé, 1994) etc. Elas implicam também, no plano simbólico, as circulações dos modos de apreensão e de interpretação da realidade e dos acontecimentos que marcam a atualidade, via os diversos tipos de comunicação: interindividuais, comunitários, midiáticos, estéticos, assim como as transmissões sociais entre gerações.

Isso permite apontar a maneira com que os atores se situam no mundo material e simbólico onde se desenrolam suas atividades e se constrói sua experiência. Um mundo misto de *real* e de *ideal*, para retomar uma expressão de Godelier (1984), no qual a incidência das condições e quadros objetivos de vida, das formas de sociabilidade, se mescla estreitamente àquela das evoluções materiais e políticas dos contextos e conjunturas em que se desenrola a vida social, como mostram as representações do meio ambiente (*cf.* parte II). O que supõe que esse modo de se situar, quer seja consciente, quer apresente um caráter pré-reflexivo, tem sempre como ponto de partida uma posição em um quadro material e social. Essa posição incide sobre a elaboração dos significados dos objetos referentes, definindo-os, e, até mesmo, como indica Jacques (1987), definindo-se eles mesmos nas trocas da interlocução.

Disso resulta que as *representações sociais são fenômenos complexos, pluridimensionais, polimorfos, ‘holons’*<sup>6</sup>, para retomar uma expressão de Koestler (2013). Tais fenômenos são apreendidos nos indivíduos que os criam a partir de sua vivência, na interlocução, ou os endossam quando de sua circulação no espaço social como visões compartilhadas, subentendidos ou *prêts à penser* [preconcebidos]. Aparecem também em suportes icônicos e sonoros. Apresentam-se ao estudo ao mesmo tempo como conteúdos e processos que remetem à distinção entre pensamento constituinte e constituído e concernentes a metodologias mistas. Alguns desses fenômenos estão em movimento, outros se apresentam como materializações de elementos, que apresentam estados estáveis os quais, mesmo que temporariamente, vão intervir na formação de outros estados estáveis ou moventes, sob a forma de estratos ou de sedimentos ou ainda de *pano de fundo* de informação. O que orienta em direção a sua temporalidade.

### *Sobre a temporalidade das representações sociais*

As representações sociais estão na história e têm uma história: evoluem na medida das mudanças intervenientes nos modelos culturais, nas relações sociais, nas circunstâncias históricas que afetam os contextos em que se desenvolvem, nos agentes que as forjam a partir de sua experiência e de sua inserção em uma rede de vínculos sociais e intersubjetivos. Essa particularidade é que assegura a proximidade epistemológica de seu estudo com a desenvolvida pelos historiadores (*cf.* cap. I-2). Apresentado em 1989 por ocasião de um

<sup>6</sup> “A palavra *Holon* vem do grego *Holos*. O seu conceito descreve algo que é um todo em si mesmo e, simultaneamente, uma parte de um sistema maior”. Disponível em: <[www.grupo-holon.pt/images/brochura\\_GH.pdf](http://www.grupo-holon.pt/images/brochura_GH.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2017. (N. T.)

colóquio consagrado a I. Meyerson, cuja rica contribuição não é reconhecida, este texto dava início a uma reflexão sobre as aproximações possíveis com as diversas ciências sociais (*cf.* cap. I-4), centrando-se particularmente na antropologia, na história e na sociologia por diversas razões.

Tais disciplinas fizeram uso reiterado e diversificado da noção de representação ou representação coletiva na linha das proposições de Durkheim, que inspirou amplamente a abordagem psicossocial. O exame de sua contribuição pareceu-me importante para nosso campo de estudo na medida em que permitia inscrever os fenômenos representacionais nas dinâmicas sociais, culturais e históricas e, assim, firmar melhor o caráter social dos fenômenos que estudávamos. Eu tinha também uma esperança secreta de que as aproximações estabelecidas proporcionariam a ocasião para as ciências afins aproveitarem contribuições de nossa abordagem. Situação da qual se descobrem alguns traços, aqui ou acolá, embora não tenha se estabelecido um diálogo até o momento, o que vai ao encontro do problema da inter, e até mesmo da transdisciplinaridade (abordado no capítulo sobre o campo do religioso {*cf.* IV-6}), e mais recentemente das relações entre os campos da saúde e da educação (Jodelet, 2014a).

Quanto ao reconhecimento da historicidade das representações, ele se deve ao fato de que o homem está inscrito em um espaço-tempo histórico, referido por Bakhtin com a noção de “cronotopo” (1978). Mas se em sua evolução, as representações sociais dependem do contexto histórico e do peso de seu passado, são também fator de inovação. O que nos coloca frente a dois processos importantes.

Por um lado, conceitual e empiricamente foram identificados vínculos essenciais entre as representações e as memórias sociais. A identificação da representação e da memória, já posta por Durkheim, foi retomada tanto pelas ciências cognitivas quanto por Ricoeur (2000). Os capítulos (II-2 e 3) reconstituem esse referencial teórico, examinado em detalhes em minha *Thèse d'État* (1985), e dele apresentam algumas implicações na relação com o político e com o espaço.

Por outro, *o estudo das representações permite apreender a história sendo feita*. Elas têm, de algum modo, um valor premonitório ou antecipatório; uma potencialidade pouco reconhecida, mas que fundamenta o alcance de seu estudo para uma análise das dinâmicas sociais. Eis dois exemplos que ilustram essa propriedade. No estudo sobre a imagem de Paris (cap. II-1), introduzi um rol de questões sobre a implantação dos grupos sociais nos diferentes bairros da cidade, procedimento que Stanley Milgram, mais interessado nas formas

individuais de construção do espaço urbano, não havia previsto utilizar. A importância dos resultados obtidos por esse viés orientou, posteriormente, seu olhar sobre a construção da imagem de Nova Iorque. O mapa de Paris, obtido por esse procedimento, apresentou, dez anos antes do gráfico da distribuição dos votos racistas e xenófobos da extrema direita lepenista<sup>7</sup>, os espaços rejeitados em função da origem exógena de sua população. O que me levou a introduzir a noção de representação sócio-espacial para sublinhar a estreita ligação entre a percepção e a prática do espaço e sua qualificação social por sua história e população.

No estudo sobre as representações do corpo, realizado em 1975 e confirmado estatisticamente em 1980 (cap. III-1 e 2), o investimento do vivido e da aparência corporal pelos homens, que ainda não figurava no discurso social, mas era trazido pelos movimentos emancipatórios pós 1968, afirmou-se de modo flagrante e totalmente inesperado. Pode-se encontrar aí a prova de uma elaboração individual de tendências que começam a pairar no ar. Nas mulheres, a recusa do sofrimento do corpo feminino no momento do parto antecipava, em suas temáticas, a afirmação identitária da experiência feminina da maternidade expressa em uma pesquisa posterior sobre aleitamento (1987; 2000).

Cabe observar que, como se depreende dos capítulos III-1, 2, 4 e 5, os movimentos sociais e a influência dos modelos culturais e religiosos relativos às distinções de gênero e à condição feminina, abrem um espaço privilegiado para estudar o jogo das representações no tempo e as mentalidades, assim como os diferentes patamares ou níveis de sua produção, do mítico ao prático, do cultural ao estético, do coletivo ao subjetivo, o que supõe deixar de lado os enquadramentos clássicos da psicologia social.

### *Os níveis de abordagem das representações sociais*

Ora, do lado dos psicólogos sociais, raros são aqueles que pularam essa etapa. A maioria dos modelos propostos inspiram-se no horizonte da psicologia social como disciplina que trata da interação social. O resultado é que o estudo das representações sociais permanece o mais frequentemente situado no espaço da interação entre indivíduos, indivíduos e grupos ou entre grupos. Apesar da crítica aos modelos da cognição ou da cognição social, o jogo das

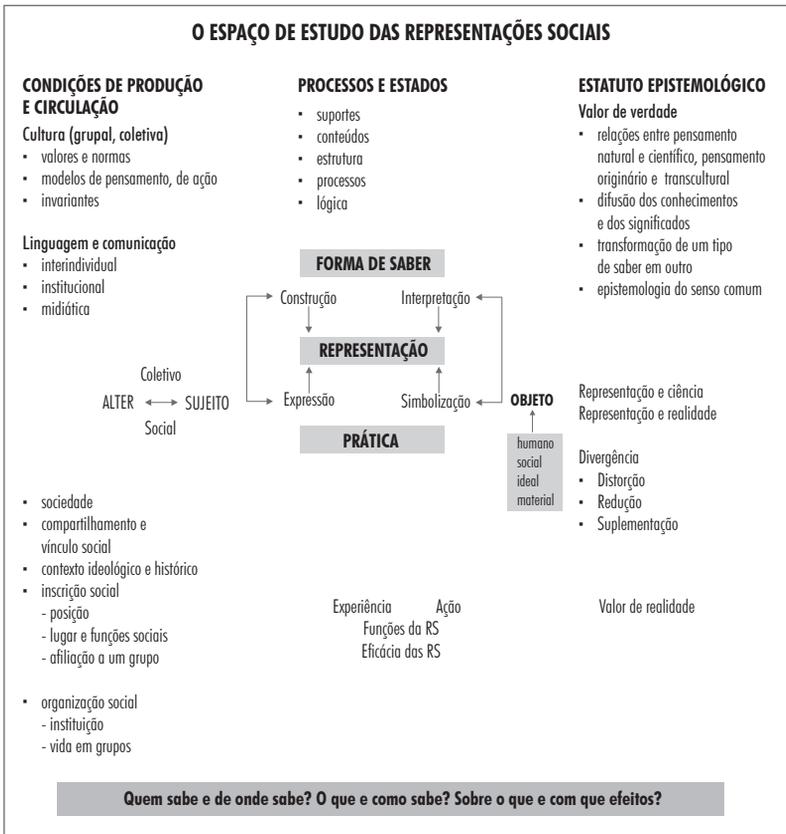
<sup>7</sup> Lepéniste – lepenista. Adj. que faz referência a Jean-Marie Le Pen (político francês; presidiu, até janeiro de 2011, a Frente Nacional (*Front National*), partido nacionalista francês de extrema-direita, e Marine Le Pen, do mesmo partido. (N. T.)

conjunturas históricas, das contextualizações culturais e das imposições sociais é pouco considerado, exceto por algumas pesquisas.

De sorte que vários modelos são propostos para ir do *inter* (interpessoal, intersubjetivo, intergrupo), como no caso do interacionismo, do dialogismo, da psicologia social discursiva, ao *intra* (intramental, intrasubjetivo) segundo um mesmo modo, no mais das vezes linguístico. Traz-se, então, a representação de volta a uma forma extraída do discurso público interiorizado ou do diálogo consigo mesmo, ou ainda se faz dela o produto negociado da interlocução, por ajuste ou conflito dos pontos de vista. Com uma dupla consequência.

Por um lado, não se encontrou ainda o meio para passar do *intra* ao *inter*, que supõe o reconhecimento do sujeito, atualmente defendido nas ciências sociais, como lembro no capítulo I-5. Por outro, não se leva em conta a interferência dos fatores propriamente sociais e culturais que intervêm na elaboração particular, conjunta ou comum das representações. O mesmo capítulo propõe um esquema de análise que permite captar a representação social na interseção das esferas subjetivas, intersubjetiva e trans-subjetiva.

Na realidade, as representações sociais são caracterizadas por seu pertencimento a diversas esferas que, em graus diferentes, contribuem para sua formação e estruturação. O esquema seguinte tenta apresentar uma visão da complexidade do campo de estudo das representações sociais tal como se desenvolveu ao longo do tempo.



Um texto publicado em 1989 sobre a extensão desse campo, retomado e atualizado, mostra que as representações como *formas de saber prático* implicam duplamente uma relação indissociável entre um sujeito, que é sempre social: por sua inscrição social e por sua ligação ao outro, e um objeto que, simbolizado pela representação, é construído e interpretado pelo sujeito ao se referir a ele. Por sua orientação prática, essas formas de saber têm efeitos sobre os comportamentos e ações, o que lhes confere uma eficácia social.

Ora, acontece que atualmente as pesquisas, privilegiando as dimensões discursivas e narrativas das representações, tendem a se concentrar na interlocução e na interação. É verdade que isso permite delimitar uma das condições de produção e de funcionamento das representações, mas não é a única. As mensagens sociais e coletivas, forjadas no espaço público, transmitidas pelos canais institucionais, midiáticos ou pelas formas artísticas de expressão, formam outras condições, sem esquecer os fundamentos estruturais dos contextos de

vida e das relações sociais que afetam diretamente os sujeitos sociais. Levar em consideração a complexidade dos processos engajados nos fenômenos representacionais implica não só voltar-se para a incidência dos fatores sociais e relacionais, mas também ter em conta a intervenção do sujeito social que deve ser reabilitado por uma psicologia social propensa a se defender contra os riscos do individualismo (Farr, 1996).

O retorno do sujeito ou do *eu*, devido à importância dada hoje à subjetividade, não é discutido somente nas ciências humanas e sociais. Ele emerge também, desde os anos 1980, na filosofia, como é o caso de Putnam e de Foucault. O primeiro (2002) chega ao sujeito por uma releitura crítica da filosofia analítica da qual foi um dos seguidores, em uma tentativa de resolução dos conflitos entre objetivismo e relativismo, realismo e construcionismo, fatos e valores. A evolução de Foucault (2001, 2014), que na articulação entre *saber – poder – sujeito* havia subordinado este último às duas primeiras instâncias, reverte a relação conferindo-lhe um estatuto de princípio regulador.

### *Rumo a novas orientações*

Se o recurso a diversas correntes de pensamento apoiou largamente as respostas que eu encontrava para questões que nosso domínio de estudo levanta, foi sempre correlativamente a um desejo de aprofundamento dos processos em curso na formação e na eficácia sociais dos fenômenos estudados. Fui assim levada a abrir novos campos de pesquisa para aprofundar seu exame. Tal foi o caso dos capítulos que tratam do campo do religioso, do imaginário e do mítico, ou ainda dos vínculos entre representação e emoções (partes III e IV).

Insiste-se, de diversas partes, sobre a dimensão imaginária das representações sociais, frequentemente ligada à sua criatividade. Poucas investigações tentaram explorar o jogo do imaginário na sua criação e seu funcionamento. A questão é delicada, pois se é relativamente fácil identificar a forma imaginada de uma produção mental, nem sempre é fácil definir seu caráter imaginário. Tentei tratar dessa questão, que me parece essencial para o desenvolvimento da abordagem das representações sociais, trabalhando sobre as produções sociais trazidas pelos indivíduos (cap. III-4, 5), pelas correntes ideológicas (cap. IV-2, 4), pelo religioso (cap. IV-6) ou por obras artísticas, literárias ou pictóricas (cap. IV-2, 5). Essas produções estão ligadas às transformações da visão endossada, em um período histórico dado, por membros de um grupo social com o objetivo de buscar inspiração que permita expressar sua posição

sobre o estado do mundo, manifestar sua especificidade identitária ou ainda apoiar sua visão da realidade humana e social sobre figuras míticas.

Em uma aproximação similar, e baseando-me no caráter revelador de uma forma de expressão não linguística, trabalhei com a *música*, organizando simpósios sobre música popular por ocasião de conferências internacionais sobre representações sociais e montando um projeto sobre a recepção de uma obra que aliava música, imagem e som, a Trilogia Qatsi de G. Reggio e P. Glass. Esse projeto foi apresentado e debatido quando de uma intervenção feita em Roma (cap. IV-5) e mais recentemente em São Paulo (Jodelet, 2014). A ênfase sobre o vivido e a experiência (cap. IV-3), a transmissão de estados emocionais e seus efeitos sobre os modos de pensar encontram eco nas preocupações recentes que se esboçam em diversos setores das ciências humanas. O contexto político contemporâneo me permitiu trabalhar com uma emoção específica, o *medo* (cap. IV-4), frequentemente encontrado nos estudos sobre a relação com a loucura, e sua incidência sobre os modos de pensamento e de elaboração das relações com o outro, tema objeto de um capítulo específico (cap. IV-1), bem como, ainda mais recentemente, com a elaboração do sentimento de perigo ou de ameaça (Jodelet 2015).

## Conclusão

O conjunto das considerações que acabo de apresentar atravessa todo meu trabalho de pesquisa de inspiração fenomenológica. Não insisti sobre as metodologias que o guiaram. O leitor constatará facilmente o uso de metodologias mistas centradas sobre o esclarecimento das facetas dos objetos complexos, desde meus primeiros trabalhos e até o momento, privilegiando os métodos qualitativos, aos quais dediquei um texto publicado em 2003.

Por intermédio desses exemplos de pesquisa, parece-me possível demonstrar que segundo os objetos e os contextos, uma luz diferente pode ser lançada para tratar das representações sociais. Não há uma única perspectiva válida atualmente. Para progredir, é preciso centrar-se no estudo de representações concretamente situadas sobre objetos delimitados, mostrar sua complexidade e o necessário recurso a modelos complementares, variáveis segundo os casos. Pareceu-me mais importante dar a perceber como, ao longo de uma prática de pesquisa, surgiam questões que levaram a uma atividade de reflexão influenciada por contribuições de diferentes perspectivas disciplinares, desembocando em novas problemáticas. Um fazer empírico e teórico sobre

um objeto, o pensamento social, que se definiu no decorrer de uma história intelectual, que foi também uma história pessoal, posta a serviço de uma perspectiva que me pareceu como uma das mais fecundas e heurísticas para as ciências humanas e sociais. O que apresento aqui pretende ser também uma defesa da corrente à qual pertenço dentro do clima crítico atual do “representacionismo” (Ambroise & Chauvire, 2013).

Edward Saïd, em obra póstuma (2012), tratou do que chamou de *estilo tardio*, encontrado em trabalhos produzidos em fim de vida por criadores, músicos ou escritores. A característica desse estilo tardio é integrar toda a riqueza da produção passada para produzir obras que antecipam tendências da criação futura, que esse estilo prefigura. Tal imagem poderia valer para as representações sociais, articulando passado, presente e futuro. Resta-me esperar que essa coletânea de textos delineie também algumas linhas, que ecoarão no futuro, como já foi o caso com alguns de meus antigos doutorandos e atuais colegas cujos trabalhos prosseguem as vias assim traçadas<sup>8</sup>. E, pelo menos, que algumas pessoas ficarão interessadas e encontrarão algumas pistas de reflexão para sua própria curiosidade e pesquisa.

---

<sup>8</sup> Vide, por exemplo, as contribuições sobre memória social (Haas, 2011, 2012; Haas & Jodelet, 1999, 2000; Jodelet & Haas, 2014), identidade nacional, o mito e os nomes (Kalampalikis, 2001, 2002, 2007, 2009), saúde (Apostolidis, 2003, 2006; Apostolidis & Dany, 2012), imagens da cidade (Haas, 1999, 2002a, 2002b; 2004; De Alba, 2002, 2012, 2013).



Esta obra, editada por Nikos Kalampalíkis, reúne, pela primeira vez, alguns dos principais escritos de Denise Jodelet, referência obrigatória no campo das representações sociais desde a criação do Laboratório de Psicologia Social na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em 1965, por Serge Moscovici. A particularidade deste livro é a de fornecer uma visão geral do desenvolvimento de uma prática de pesquisa empírica e reflexiva que, nos últimos trinta anos, tem aberto novas perspectivas no exame de questões sensíveis de nosso mundo que interessam diretamente à Psicologia Social.

Descobrimos nele uma contribuição original sobre os *fenômenos representativos* examinados de diferentes perspectivas. Do ponto de vista epistemológico, em sua relação com as contribuições das ciências sociais. Do ponto de vista de seu caráter social, na análise dos processos sociocognitivos que intervêm em sua construção. Do ponto de vista da pertinência social, na compreensão dos processos simbólicos relacionados aos pertencimentos sociais e ao futuro comum de indivíduos e de grupos historicamente e culturalmente situados. Do ponto de vista da aplicação, no exame de problemáticas relacionadas à memória, ao urbano, à saúde, ao corpo, ao gênero, ao meio ambiente. Do ponto de vista das propostas para futuras pesquisas, na exploração de dimensões psicológicas ainda pouco consideradas pelos estudos sobre as representações sociais: a alteridade, a experiência, a subjetividade, o imaginário, a afetividade e as emoções.

**Denise Jodelet** é Diretora de estudos emérita da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, onde dirigiu o Laboratório de Psicologia Social. Sua obra explora de maneira única a dinâmica do pensamento social e tem obtido um grande reconhecimento internacional, sobretudo na Europa e na América Latina.

**Nikos Kalampalíkis** é Professor da *Université Lyon 2*, diretor do laboratório GRePS, membro do comitê diretor da rede internacional REMOSCO na *Fondation Maison des Sciences de l'homme* e um dos responsáveis científicos da Cátedra Franco-Brasileira Serge Moscovici.

## Chaire franco-brésilienne Serge Moscovici



Liberté • Égalité • Fraternité  
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Consulado Geral da França  
em São Paulo

FE Fundação Carlos Chagas



EM  
fondation  
maison des  
sciences  
de l'homme

Réseau Mondial  
Serge Moscovici

PUCPRESS

ISBN 978-85-68324-90-5



9 788568 324905